

IV Encontro Nacional de Didácticas e Metodologias de Educação

percursos e desafios

26-28 de Setembro de 2001

Universidade de Évora

Didáctica do texto e formação de professores: algumas reflexões.

Fernando José Fraga de Azevedo

(Instituto de Estudos da Criança / Universidade do Minho)

No âmbito de um projecto de formação de professores, regido por princípios de qualidade e de excelência, assume elevado relevo o contributo de uma disciplina como a didáctica do texto. De facto, é a ela que competirá, com carácter de prioridade, congregar os saberes das várias disciplinas ligadas ao ensino da língua articulando-os num conjunto de práticas que forneçam ao futuro docente o saber-fazer necessário para, com sucesso, promover, junto dos seus alunos, a aquisição de uma adequada competência discursiva e textual.

Nesta perspectiva, esta disciplina preocupar-se-á em definir estratégias susceptíveis de permitirem ao aluno uma aquisição consciente da noção de texto. Longe de poder ser considerado como um mero somatório de frases, o texto constitui uma unidade semântico-pragmática dotada de coerência e coesão globais, as quais deverão poder ser detectadas não só ao nível da estrutura de superfície, como também ao nível da sua estrutura profunda. Assim, a percepção daquilo que é o texto supõe um domínio consciente e reflectido dos seus variados mecanismos de estruturação e dos pressupostos que tais mecanismos acarretam. É, deste modo, fundamental conhecer não só as macroestruturas retórico-discursivas da língua, como também as microestruturas

estilísticas, fundamentais na consecução, com sucesso, dos mais diversos actos de linguagem.

Ora, a aquisição, por parte do aluno, de uma tal concepção passa, em larga medida, por propor-lhe exercícios nos quais o texto surja, desde logo, como uma entidade topologicamente delimitada e evidenciadora de uma unidade de sentido. Nesta perspectiva, fragmentos textuais descontextualizados ou nos quais essa unidade de sentido não possa ser relevantemente estabelecida deverão, pelo menos nos primeiros anos de escolaridade, ser rejeitados. Numa análise a alguns manuais escolares de iniciação à leitura e à escrita, Graça Maria Teixeira Viana Reis (1992: 68-70) detectou diversos exemplos nos quais o material linguístico apresentado como texto se resume a um mero aglomerado de palavras ou de frases sem qualquer coerência ou unidade semântica¹. Mesmo os pretensos diálogos revelam-se pragmaticamente incorrectos, não proporcionando ao aluno que lê o texto a possibilidade de uma adequada negociação de sentido². Deste modo, a criança é solicitada a perceber a leitura como mera actividade de tradução-decifração, sem que se possa auxiliar de um contexto e, mais do que isso, sem que possa perceber o relevante papel que as vozes do intertexto desempenham aí. Assim, estes materiais, pretensamente apresentados como textos, de forma alguma contribuem para favorecer a aquisição, por parte do aluno, desta noção relevantíssima.

A percepção daquilo que é o texto passa também pelo exercício de actividades que, evidenciando os mecanismos pelos quais a coesão e a coerência textuais são estabelecidas, permitam ao aluno tomar consciência desses

¹ Vejam-se, por exemplo, os seguintes “textos”: “O javali vivia na mata. / Ele teve uma vida má. / A Camila ajuda a mãe. / Põe a botija e o pijama na / cama a vai até à janela” (*in Caminhos de Leitura - Novo Programa*, citado por Graça Maria Teixeira Viana Reis, 1992: 69) ou “O pai é o leão Leote. / Papou o leite / e lê pela lupa.” (*in Á-Bê-Cê do Saber 1 - Novo Programa*, citado por Graça Maria Teixeira Viana Reis, 1992: 69).

² “- O Papu papa.
- O papa e o pai.
- O papa papou o pão.
- O piu-piu papa e pia.
- Ali a Lili, lê, lê, lê.” (*in Novo Papu*, citado por Graça Maria Teixeira Viana Reis, 1992: 70).

mecanismos de estruturação textual. Assim, são de enfatizar exercícios que possibilitem operações de redução e de ampliação textuais, facto que pressupõe uma utilização consciente e reflectida dos diversos conectores, mas também das variáveis lexicais necessárias à coerência e à progressão dos textos.

Independentemente de ser lido ou ouvido, o texto estrutura-se sempre tendo em conta não só um determinado destinatário e seus comportamentos interpretativos, como também uma determinada intencionalidade. Assim, atendendo a que o texto se não resume à sua tessitura material, mas comporta também, com carácter de essencialidade, um determinado potencial ilocutório³, é fundamental que os alunos tenham a oportunidade de manusear⁴, na dupla dimensão passiva e activa, textos diversos adaptados a usos múltiplos e polifacetados. Neste domínio são de enfatizar exercícios que permitam ao aluno gerir intencionalmente a disposição estratégica da informação: a explicitação daquilo que deve ser dito ou enfatizado supõe não só um conhecimento consciente dos operadores de argumentação e das formas de tematização, como também uma atenção aos modos como a palavra é estilisticamente seleccionada e materializada em actos de linguagem.⁵

³ Na opinião de Siegfried Schmidt (1978: 164), o texto constitui um produto determinável e definível simultaneamente ao nível linguístico e social, o que significa que ele se define não só em função da sua dependência de um determinado sistema semiótico, mas também em função da sua relevância ou pertinência comunicativa: “para compreender um texto é preciso não apenas que o parceiro conheça o conjunto de sinais textuais utilizados; é preciso sobretudo que domine a gramática/semântica de actuação que é activada pelo texto e que define a relevância deste texto como resultado da efectivação de um tipo de interacção comunicativa estruturalmente preceituado” (S. Schmidt, 1978: 169).

⁴ Este manuseamento refere-se não só à escrita e estruturação de textos, mas também à sua leitura adequada em voz alta. De facto, no âmbito da sua profissão docente, o professor deparar-se-á, frequentemente, com a necessidade de fazer e de exigir dos seus alunos leituras em voz alta de textos, leituras essas que se desejam suficientemente claras, em termos de dicção, e expressivamente motivadoras. Assim, é fundamental, no âmbito de uma Didáctica do Texto, que o aluno aprenda as técnicas e as estratégias pelas quais a leitura expressiva e afectiva do texto em voz alta pode ser produtivamente realizada.

⁵ Dotado de uma “competência multilectal” (Vítor M. de Aguiar e Silva, 1977: 83), o falante tem a possibilidade de articular apropriadamente os subsistemas dialectal, sociolectal ou estilístico-funcional da sua língua materna com os vários tipos de contexto situacionais.

Assinalamos aqui a importância, a par dos usos de natureza funcional, também usos da língua de natureza mais lúdica ou criativa. O ideal é que o texto, enquanto lugar, por excelência, da materialização dos actos de linguagem, possibilite ao aluno experimentar a língua na sua multifuncionalidade semiótica. Efectivamente, pressupondo sempre uma determinada intenção comunicativa e um destinatário, o texto pode cumprir objectivos perlocutivos diversificados. Ora, a aquisição de uma efectiva competência discursiva e textual deverá permitir ao futuro docente conhecer um conjunto de estratégias capazes de o levarem a saber explicitar perante o aluno as formas de empregar, de modo produtivo e eficaz, os múltiplos recursos da língua, construindo textos contextualmente adequados às diversas finalidades comunicativas.

Bibliografia:

AA. VV. (1997) *A língua materna na educação básica. Competências nucleares e níveis de desempenho*, Lisboa: Ministério da Educação / Departamento da Educação Básica.

Pereira, M.^a Luísa Álvares (2000) *Escrever em português: didácticas e práticas*, Porto: Asa.

Reis, Carlos & Adragão, José Victor (1990) *Didáctica do português*, Lisboa: Universidade Aberta.

Reis, Graça M.^a Teixeira Viana (1992) *Sensibilização precoce à especificidade literária. Tese apresentada à Universidade do Minho como requisito parcial para a obtenção do Título de Mestre em Ensino da Língua e da Literatura Portuguesas*, Braga: Instituto de Educação - Universidade do Minho.

Álvarez Angulo, Teodoro (2000) "Didáctica del texto", in *Didáctica da língua e da literatura. Actas do V congresso internacional de didáctica da língua e da literatura (6 a 8 de Outubro de 1998)*, Volume II, Coimbra: Almedina, pp. 1427-1439.

Aznar, Eduardo; Cros, Anna & Quintana, Lluís (1991) *Coherencia textual y lectura*, Barcelona: ICE / Universitat Barcelona - Horsori.

Schmidt, Siegfried J. (1978) *Lingüística e teoria do texto. Os problemas de uma lingüística voltada para a comunicação*, São Paulo: Pioneira. [Edição Original: (1973) *Texttheorie. Probleme einer linguistik der sprachlichen kommunikation*, München: Wilhelm Fink].

Silva, Vítor M. de Aguiare (1977) *Competência linguística e competência literária. Sobre a possibilidade de uma poética gerativa*, Coimbra: Almedina.